Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa

Mestrado Som e Imagem - Cinema e Audiovisual

O CINEMA DE MARCO FERRERI E O ABSURDO FILOSÓFICO DE ALBERT CAMUS

Análise do filme “A semente do homem”.

Nudson Alan Terrinha Alves

Porto

2016

RESUMO

Este trabalho pretende analisar o filme "A semente do homem" (*Il seme dell`uomo, 1969)* do cineasta Marco Ferreri (1928-1997), às luzes da filosofia do absurdo de Albert Camus (1913-1960) e discorrer sobre a criação artística enquanto denuncia da confrontação do homem com a absurdidade da existência, utilizando o cinema como meio de expressão.
Portanto, discutimos o absurdo, a necessidade humana de criar significado, a relação tensa entre homem e mundo, e o cinema como parceiro potencial para expressar ideias filosóficas.

Palavras-chave: marco ferreri, filosofia, cinema, albert camus, filme, analise, absurdo,

ABSTRACT

This article intends to analyse the film "The seed of man" (*Il seme dell'uomo, 1969*) by the filmmaker Marco Ferreri (1928-1997), to the lights of the philosophy of the absurd of Albert Camus (1913-1960) and to talk about the artistic creation denouncing the confrontation of man with the absurdity of existence, using the cinema as a means of expression.
Therefore, we discuss the absurd, the human need to create meaning, the tense relationship between man and world, and cinema as a potential partner for expressing philosophical ideas.

Keywords: marco ferreri, philosophy, cinema, albert camus, film, analyse, absurd

SUMÁRIO

Introdução

Albert Camus ousou pensar o homem além dos limites da razão e da ação humana, desenvolveu em sua filosofia um paradigma alternativo para a racionalidade e para o engajamento ético-político, e é no seu livro *O mito de sísifo, Le mythe de Sisyphe (1942)* que encontramos um questionamento que para Albert Camus é essencial em sua filosofia; "Só existe um problema filosófico realmente sério: é o suicídio"[1]. É neste livro publicado quando o autor tinha vinte e nove anos de idade que encontramos a primeira formulação teórica da noção de absurdidade, isto é, da tomada de consciência, pelo ser humano, da falta de sentido, (ou, portanto, do sentido absurdo) da sua condição, assunto este que o grande realizador e escritor de muitos dos seus filmes dono de uma filmografia vasta que produziu filmes por quase quarenta anos, possuidor de uma maneira de fazer cinema muito original que também percorre temas filosóficos como o abordado por Camus em seu ensaio. Marco Ferreri sempre foi contra as regras pré-estabelecidas da sociedade, o seu cinema de autor é uma mistura de realismo com varias metáforas, concentrando-se em temas como a destruição, a negação e a morte, um estilo próprio do cinema de autor que também carrega vitalidade e um certo humor negro, de forma muito inteligente Ferreri mostrava no cinema o estado de crise do homem contemporâneo de forma alegórica e junto de Pier Polo Pasoloni (1922-1975)[2] ele foi um dos principais nomes do cinema italiano na sua geração, diferente dos seus contemporâneos italianos, católicos e marxistas, Ferreri se descrevia como um "anarquista cômico". Marco Ferreri, acreditava que;

> "O cinema era um lugar onde a sociedade poderia esquecer suas divisões, e pretendia que seus filmes atraíssem um público em massa, e não uma pequena elite de cineastas de arte. Combinando sátira surrealista, crítica social mordaz, política sexual selvagem, e uma sensibilidade muitas vezes apocalíptica, Ferreri criou um corpo de trabalho verdadeiramente único que continua a entreter e desafiar a sensibilidades do público".[3]

Neste artigo irei analisar o filme "A semente do homem" (*Il seme dell`uomo, 1969)*, filme em que Marco Ferreri cria um mundo pós-apocalíptico onde uma estranha doença esta

---

[1] CAMUS, Albert, *O mito de Sísifo: Ensaio sobre o absurdo.* [Lisboa]: Livros do Brasil, 2016, p. 15.
[2] Realizador cinematográfico influenciado pelo neorrealismo italiano assassinado em 1975 após terminar um de seus filmes mais controversos.
[3] ANTOLINI, natacha, http://www.icilondon.esteri.it/iicmanager/sedi_resource_iic/2009/06/54407_f_iic51pressreleaserevised.pdf, data de acesso 07-12-2016

dizimando a humanidade na terra, a historia se desenvolve em torno de um casal e sua vida estranha em uma grande casa de praia encontrada desabitada após os moradores terem sido mortos por esta tal estranha doença, o casal habita o local e recebe estranhas visitas, uma delas, homens que mais parecem ser de alguma instituição, o casal assustado recebe como ordem principal destes homens o dever de se procriar.

O tema central do filme é em torno da reprodução da vida em meio ao caos total, da falta de sentido de se ter um filho após uma praga global, a pergunta, "devem os seres humanos reproduzir-se? ", está representada metaforicamente em vários momentos do filme. No final isso expande a questão central que esta no livro de Camus, "porque não cometemos suicídio"? O filme pode ser lido dentro deste pensamento;

> "Fora de um espirito humano não pode haver absurdo. Assim o absurdo acaba, como todas as coisas, com a morte. Mas também não pode haver absurdo fora deste mundo, E é a partir desse critério elementar que eu julgo que a noção de absurdo é essencial e pode figurar como a primeira das minhas verdades".[4]

Será o sentimento trágico mostrado no filme, que Albert Camus define como "Absurdo",

> "Precipitei-me, quando dizia que o mundo era absurdo. Tudo o que se pode dizer é que esse mundo não é razoável em si. Mas o que é absurdo é esse irracionalismo e desse desejo desvairado de clareza, cujo apelo ressoa no mais profundo do homem. O absurdo depende tanto do homem quanto do mundo. É, de momento, o seu único elo. Sela-os um ao outro, como só o ódio pode unir os seres. É tudo o que posso discernir claramente nesse universo sem medidas, a minha aventura prossegue. Paremos aqui".[5]

que dá ao protagonista, Cino, um desesperado desejo de tentar procriar a espécie humana? Seria este o maior exemplo do homem "absurdo" que enfrenta lucidamente a sua condição absurda? Essa e a grande questão filosófica do filme de Marco Ferreri que servirá de via de analise neste artigo onde filosofia e cinema se encontram e abrem uma lacuna para o pensamento da importância de temas filosóficos no cinema.

---

[4] CAMUS, Albert, *O mito de Sísifo: Ensaio sobre o absurdo.* [Lisboa]: Livros do Brasil, 2016, p. 37
[5] *ibidem*, p. 29.

O Mito de Sísifo

> “Sísifo, rei da Tessália e de Enarete, era o filho de Éolo. Fundador da cidade de Éfira, que mais tarde veio a chamar-se Corinto, e também dos jogos de Ístmia (ou Ístmicos). Sísifo tinha a reputação de ser o mais habilidoso e esperto dos homens e por esta razão dizia-se que era pai de Ulisses.
> Sísifo despertou a ira de Zeus quando contou ao deus dos rios, Asopo, que Zeus tinha sequestrado a sua filha Egina. Zeus mandou o deus da morte, Tanatos, perseguir Sísifo, mas este conseguiu enganá-lo e prender Tanatos. A prisão de Tanatos impedia que os mortos pudessem alcançar o Reino das Trevas, tendo sido necessário que fosse libertado por Ares. Foi então que Sísifo, não podendo escapar ao seu destino de morte, instruiu a sua mulher a não lhe prestar exéquias fúnebres
> Quando chegou ao mundo dos mortos, queixou-se a Hades, soberano do reino das sombras, da negligência da sua mulher e pediu-lhe para voltar ao mundo dos vivos apenas por um curto período, para a castigar. Hades deu-lhe permissão para regressar, mas quando Sísifo voltou ao mundo dos vivos, não quis mais voltar ao mundo dos mortos. Hermes, o deus mensageiro e condutor das almas para o Além, decidiu então castigá-lo pessoalmente, infligindo-lhe um duro castigo, pior do que a morte.” [6]

Sísifo foi condenado para todo o sempre a empurrar uma pedra até ao cimo de um monte, caindo a pedra invariavelmente da montanha sempre que o topo era atingido. Este processo seria sempre repetido até à eternidade.
Albert Camus, no livro *O mito de sísifo, Le mythe de Sisyphe (1942)* apresenta o mito grego como sendo uma metáfora radical da ausência de sentido na vida e usa Sísifo para representar o seu herói absurdo, “Já todos compreenderam que Sísifo é o herói absurdo. É-o tanto pelas suas paixões quanto pelo seu tormento. O seu desprezo pelos deuses, e o seu ódio a morte e a sua paixão pela vida valeram-lhe esse suplicio indizível, em que o seu ser se emprega em nada terminar” [7]

---

[6] Mito de Sísifo in Artigos de apoio Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2016. [consult. 2016-12-15 13:58:30]. Disponível na Internet: https://www.infopedia.pt/$mito-de-sisifo

[7] CAMUS, Albert, *O mito de Sísifo: Ensaio sobre o absurdo.* [Lisboa]: Livros do Brasil, 2016, p. 112.

Camus, resume assim a condenação e o esforço inútil de uma pessoa em seu árduo e rotineiro trabalho, que nunca será concluído, "Os deuses tinham condenado Sísifo a empurrar sem descanso um rochedo até ao cume de uma montanha, de onde a pedra caia de novo, em consequência do seu peso. Tinham pensado, com alguma razão, que não há castigo mais terrível do que o trabalho inútil e sem esperança".[8]

O Sentimento do Absurdo

Albert Camus em seu ensaio filosófico *O mito de sísifo* retoma a perspectiva mais trágica da existência. Para Albert Camus a "angustia" tema explorado pelo pensamento existencialista que tinha como grande representante, o filósofo e escritor *Jean-Paul Sartre (1905-1980)* que acreditava na liberdade como um horizonte aberto de possibilidades que vai construir o nosso ser ao longo da vida, ser este que vai se fazendo ao longo da nossa existência, tomando a existência humana como um dado bruto desprovido de projeto prévio, desprovido de sentido e de finalidade. No entanto, para Camus, a "angustia", não é a categoria central, a "angustia" nasce de uma categoria anterior, que é o "absurdo", que pra Camus é exatamente o ato de existir, o absurdo é estar lançado no mundo, aberto a todas as manifestações do acaso, se morrer é um absurdo é por que nascer também o é.

Outra ideia importante para compreender e analisar o filme "A semente do homem" é o que Camus, definia como uma das formas de encontro com o absurdo que como pode ser lido nesta passagem do livro:

> "Um dia vem, no entanto, e o homem constata ou diz que tem trinta anos. Afirma assim a sua juventude. Mas, em simultâneo, situa-se em relação ao tempo. Toma aí o seu lugar. Reconhece que esta num certo momento de uma curva que confessa ter de percorrer. Pertence ao tempo e reconhece nesse horror que o empolga o seu pior inimigo. Amanhã, ele desejava amanhã, quando todo o seu ser se lhe devia recusar. Essa revolta da carne é o absurdo".[9]

---

[8] *Ibidem p.111*

[9] CAMUS, Albert, *O mito de Sísifo: Ensaio sobre o absurdo.* [Lisboa]: Livros do Brasil, 2016, p. 23.

"Mas não no sentido próprio. Não se trata de uma definição, senão de uma enumeração dos sentimentos que podem comportar absurdo. Terminada esta, não se gastou em todo o caso do absurdo".[10]

O Homem Absurdo

Em seu ensaio, *O mito de Sísifo,* Camus elabora o conceito do absurdo da existência para responder à questão filosófica do suicídio. O nosso protagonista, Cino, interpretado pelo ator Marzio Margini, alvo de analise no filme se verá diversas vezes de frente do "absurdo", ele é o próprio homem absurdo: "Aquele que sem o negar, nada faz pelo eterno. Não que a nostalgia lhe seja estranha. Mas prefere-lhe a sua coragem e o seu raciocínio. A primeira ensina-o a viver sem apelo e a bastar-se com aquilo que tem, o segundo instrui-o a cerca dos seus limites".[11]

O homem absurdo é aquele que enfrenta lucidamente a condição e a humanidade absurda, *O mito de Sísifo* tem por eixo dramático, pode-se dizer, à "tomada de consciência, pelo ser humano, da falta de sentido da sua condição, uma "tomada de consciência" na qual absurdo e revolta se colocam como momentos ou aspectos inseparaveis. Cino, parece ter percebido que "é preciso viver com o tempo e morrer com ele"[12], Cino é o produto do absurdo de seu tempo, de suas angustias e de suas escolhas, a medida que o mundo irracional se encontra com o homem razoável, o Absurdo se revela. O homem absurdo existe apenas devido às suas tentativas naturais e humanas de interagir com a verdadeira natureza da realidade, a recuperação da condição humana absurda pode assumir muitas formas, mas o absurdo só faz sentido aliado a revolta que diante do absurdo do mundo tenta encontrar um sentido.

Filme, Filosofia e o Absurdo

Para o proposito desse artigo que visa apontar a relação de sentimento e mundo absurdo vivido pelo personagem principal analisando a estética do filme de Marco Ferreri que provou ser uma estética absurda em sua reflexão sobre a natureza humana em um universo desumano onde um personagem se vê em busca de alguma esperança, e de certa forma uma obrigação

[10] Apud, *O mito de Sísifo: Ensaio sobre o absurdo.* [Lisboa]: Livros do Brasil, 2016, p. 23.
[11] *Ibidem,* p. 65.
[12] *Ibidem,*p. 81.

para com a humanidade. No entanto, permanece a questão de como a estética absurda dos filmes de Marco Ferreri se relaciona com a discussão contemporânea do cinema e da filosofia. Após uma breve introdução sobre os principais temas filosóficos da obra de Albert Camus que Marco Ferreri explora em seu filme "A semente do homem", entramos diretamente na analise do filme apontando os temas abordados, a forma metafórica que Ferreri usa para ilustrar, pintar na tela suas ideias e poderemos entender como a desconstrução do filme em seus pontos cruciais nos ajudam a interpretar as ideias do autor.



imagem 01



imagem 02



imagem 03



imagem 04

Logo de inicio somos apresentados a um mundo em declínio, imagens de pessoas afetadas pela peste um mundo que está pronto para destruir-se, um mundo completamente absurdo que abarca a todos com os sintomas da peste que afeta toda a população e obriga um par de sobreviventes a se refugiar em uma praia deserta que Marco Ferreri usa em alusão ao um Jardim do Éden.



imagem 05



imagem 06



imagem 07



imagem 08

Cino, e Dora são nossos personagens absurdos, casal tenta se proteger da peste em uma casa que encontram abandonada, eles estão sozinhos e perdidos em um lugar desconhecido tentando manter a esperança mesmo após assistirem na televisão as ultimas noticias de como a peste esta se espalhando por toda Europa. Logo na manhã seguinte a esperança deles o faz confundir uma garrafa inflável de Pepsi Cola, com um dirigível que poderia lhes trazer uma chance de escapar daquele lugar, Marco Ferreri usa essa metáfora que representa um simulacro da sociedade de consumo.



imagem 09



imagem 10



imagem 11

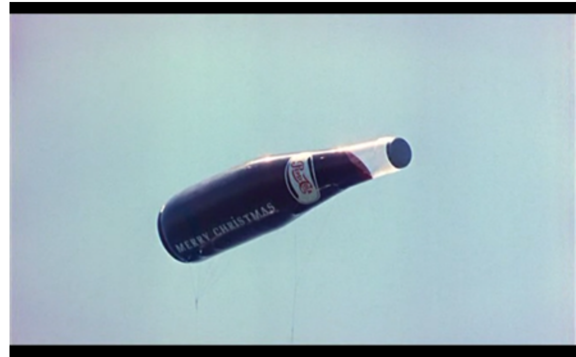


imagem 12

Mais a frente no filme, temos a revelação de Cino que diz para Dora que quer ter um filho, mesmo com toda a dificuldade de enxergar um horizonte que pudesse trazer alguma segurança ou prosperidade para o futuro, eles parecem estar fadados a morte perante a condição absurda que o mundo se apresenta no momento.



imagem 13



imagem 14

Esta cena nos leva diretamente à pergunta de Albert Camus em seu livro, *por que não cometemos suicídio?* Albert Camus defende e considera uma vida absurda à escolha do suicídio, “Fora de um espirito humano não pode haver absurdo. Assim, o absurdo acaba, como todas as coisas, com a morte. Mas também não pode haver absurdo fora deste mundo. E é a partir desse critério elementar que eu julgo que a noção de absurdo é essencial e pode figurar como a primeira das minhas verdades” [13]. Portanto em meio a todo o caos vivido pelos personagens, a falta de perspectiva, a condição deles no ambiente desolador que vivem, solitários, doentes, longe de uma possível solução dos problemas, emerge então no personagem representado por Marzio Marginne a revolta contra o absurdo, para Cino não importa se a vida

[13] CAMUS, Albert, *O mito de Sísifo: Ensaio sobre o absurdo.* [Lisboa]: Livros do Brasil, 2016, p.37

tem um sentido para ser vivida, ele aceita a sua posição de homem absurdo ou homem perante ao absurdo do mundo.

> “Até aqui tratava se de saber se a vida devia ter um sentido para ser vivida. A partir daqui, pelo contrario, impõe-se nos que ela será vivida até melhor por não ter sentido. Viver uma experiência, um destino, é aceitar plenamente. Ora, não viveremos esse destino, sabendo-o absurdo, se não fizermos tudo por manter, diante de nós, este absurdo aclarado pela consciência”. [14]

Dora é bastante relutantes em procriar, talvez consciente de que a semente do homem é a da destruição: é a figura com a qual Ferreri parece simpatizar mais, ela vai negar com todas as forças até o fim a possibilidade de se procriar.

Dora tem uma visão completamente diferente de Cino, ela irá se chocar diretamente com os interesses dele. Dora, ira presenciar com mais profundidade o seu momento de absurdidade quando uma outra mulher aparece e esta disposta a procriar com Cino, os instintos de sobrevivência e a possibilidade de ser deixada de lado por Cino, agora que ele tem outra opção pra seu plano faz emergir em Dora, uma certa revolta, esta estranha personagem que não que é mais uma sobrevivente da peste e caminha como um errando por todos os lugares enxerga em Cino a possibilidade de uma vida mais tranquila, ela tenta matar Dora, mas Dora reage a mata.



imagem 15



imagem 16

Dora se vê frente ao absurdo e a vida contingente que a obriga a tomar decisões desesperadas para sobreviver, assim como Cino que em seu ultimo ato absurdo prepara uma infusão de folhas com o intuito de fazer Dora dormir profundamente enquanto ela é violada durante o sono e

[14] CAMUS, Albert, *O mito de Sísifo: Ensaio sobre o absurdo.* [Lisboa]: Livros do Brasil, 2016, *p.54*

Cino metaforicamente planta em Dora a semente do homem, metáfora usada por Ferreri para representar a fecundação da mulher responsável por povoar a terra novamente, este ato de Cino pode ser lido como a representação da revolta contra o absurdo, e a revolta contra a revolta de Dora que teimava em não sucumbir as ideias de Cino.



imagem 17



imagem 18

Diante do absurdo a primeira consequência é a revolta contra o absurdo, ou a certeza de uma fé esmagadora, "esta revolta não passa da certeza de um destino esmagador, mas sem a resignação que deveria acompanhá-la" [15]. Segundo Camus, para o homem absurdo, a única verdade pode ser o desafio, para não escapar do Absurdo, por meio da deificação, da reconciliação, da negação ou da renúncia, o homem absurdo tem de tentar se envolver com uma realidade que transcende a inteligência humana. É precisamente através da sua luta diária, carregando o próprio peso da vida, que o homem absurdo pode dar valor à sua vida. A revolta do homem contra a sua própria obscuridade "desafia o mundo de novo a cada segundo"[16], insistindo numa "transparência impossível[17]".



imagem 19



imagem 20

[15] CAMUS, Albert, *O mito de Sísifo: Ensaio sobre o absurdo.* [Lisboa]: Livros do Brasil, 2016, p.54
[16] *ibidem*, p. 52
[17] *ibidem*

No final do filme, Dora é surpreendida pela revelação de Cino, eles estão na praia próximos dos ossos da baleia que para Dora simbolizava toda a desgraça da peste, um tanto como Moby Dick, cujo mito impressionava Camus, após a revelação, Cino, que pula de alegria ao redor de Dora que chora e se ajoelha na areia da praia e são surpreendidos por uma explosão que aniquila os dois.

A cena final e sua consequência decorre diretamente da tensão entre desespero e revolta que pode ser comparado à consequência de uma liberdade absurda, "como a inevitabilidade da morte pressiona o homem absurdo, ele é liberado das ilusões de sua antiga liberdade. A antiga liberdade ilusória do homem absurdo, existia da escravidão para a garantia de um significado ou existência eterna"[18]. Camus argumenta que as promessas da eternidade prenderam o homem absurdo, pois "esperava a existência do significado fora de si mesmo"[19], uma esperança que escravizou o homem absurdo a suas próprias verdades eternas.

Neste filme, a realidade flagrante da irracionalidade do mundo oprime e consequentemente obstrui a liberdade pessoal. A partir desse sentimento de desespero, a possibilidade de sentir uma liberdade absurda é obstruída. A plena aceitação do Absurdo e suas exigências implicaria que Cino seria libertado da escravização do eterno pelas experiências da inevitabilidade da morte. No entanto, para Dora, esse sentimento de libertação não resulta da revolta contra o absurdo, isto é, da criação de horizontes de significação que lhe dariam motivos para suportar o mundo ao seu redor. Pelo contrário, para Dora, o horizonte ultimo é a morte.



imagem 21

---

[18] CAMUS, Albert, *O mito de Sísifo: Ensaio sobre o absurdo.* [Lisboa]: Livros do Brasil, 2016, p.55

[19] VAN DER BOOM, Jan-Willem – *Cinema and Albert Camus: Antonioni´s films and the aesthetic of the Absurd*, 2012, MA Film thesis – University of Amsterdam, 2012. p.35

Cinema é Significado

O cinema é tido como uma arte expressiva de muitas individualidades, inserida em um contexto sócio histórico responsável por construir diferentes representações da realidade e que ainda recebe o tratamento pessoal do espectador que percebe cada significado de acordo com o próprio contesto cultural, social e artístico:

> "As diversas possibilidades de relacionar os signos que compõem a mensagem cinematográfica propiciam múltiplas formas de representações, o que nos leva a reflexão de que a linguagem "hollywoodiana", e o gosto estético do publico pode ser incentivado a partir da divulgação mais efetiva de outras constituições da linguagem do cinema".[20]

A linguagem cinematográfica é vista como uma possibilidade humana de representação do mundo, portanto, uma forma de interação de indivíduos, um gênero de representação e de construção e não de espelhamento da realidade, desde o primeiro momento no inicio do século vinte quando o cinema mudo estava se afirmando como entretenimento, diversão popular, e já havia uma discussão se essa nova tecnologia da imagem em movimento era mesmo geradora de uma nova forma de arte em comparação do cinema com as outras expressões artísticas, deste o aparecimento dos grandes teóricos do cinema como, Ricciotto Canudo (1877-1923) responsável pelo *Manifeste des sept arts (1911)*[21] que cria uma teoria da relação do cinema com as artes já conhecidas e chama o cinema de sétima arte, até anos depois durante a evolução do cinema quando François Truffaut (1932-1984) em 1953 escreve sua primeira critica de cinema nos *Cahiers du Cinéma - Uma certa tendência do cinema Frances,* que a partir da premissa que existia um cinema de qualidade francês cujo os grandes méritos vinham do fato de terem um cinema baseado em grandes roteiros escritos por homens de talentos ou grandes adaptações da obra literária francesa que era riquíssima, Truffaut derruba essa ideia e no seu manifesto na revista *Cahier du Cinéma,* surge a nova teoria de que a arte do cinema não está no tipo de estória, nem esta no argumento, muito menos no conteúdo, a arte do cinema está no trabalho do diretor, aquele que encena, que cria a cena, a *mis-em-scène*, desdobramento esse

---

[20] GONÇALVES, Elizabeth Moraes; ROCHA, Rosa E. – *Razon Y Palabra, Primeira revista eletrónica en America Latina Especializada em Comunication, www.razonypalabra.org.mx, acesso 08/12/16*

[21] CANUDO, Riccioto, *Manifeste des sept arts*. [Paris]: Carré dárt, 2003

que deu inicio ao conceito de cinema de autor, e todo o conceito de arte passou para as mãos do realizador, que era quem *orquestrava*, o responsável pela criação da *mis-en-scène.*

> "O Cinema é uma linguagem, em resumo, não apenas em um sentido metafórico mais amplo, mas também como um conjunto de mensagens formuladas com base em um determinado material de expressão, e ainda como uma linguagem artística, um discurso ou prática significante caracterizado por codificações e procedimentos ordenatórios específicos".[22]

A historia mostra que a partir do momento que surge essa multiplicidade de plataformas e experiências possíveis das quais se produz imagens e se exibe imagens, fato esse que por bastante tempo desde seu inicio era caracterizado por ser um fato extremamente social, quando você tinha a obrigação de sair de casa e se sentar ao lado de pessoas as vezes desconhecidas e se desconectar do mundo por duas horas na frente de uma tela, hoje em dia a relação com o cinema é bastante diferente , grande parte das pessoas assiste muito mais filmes em casa do que vai ao cinema, isso alterou também a relação de arte, criando outros significados e outras possibilidades de interpretação.
Mas o cinema não perdeu seu caráter de continuar criando significados e evoluindo com o passar do tempo, seja utilizando adereços literários, filosóficos, tecnológicos ou tentanto imaginar um futuro distante longe da nossa atual percepção.

Conclusão

O objetivo desta tese foi relacionar a filosofia de Albert Camus do Absurdo com o filme de Marco Ferreri, *A semente do homem*, a fim de obter uma melhor compreensão de como o Absurdo se manifesta nas artes cinematográficas e de como o filme se relaciona com a filosofia.

Como resultado temos a reflexão de como a desarmonia do homem com o mundo são fatores filosóficos explorados no cinema, foi demonstrado através de uma breve analise do filme A semente do homem, que a obra de Marco Ferreri abriga o potencial de apresentar a dinâmica de diferentes modos de pensamento de uma forma filosófica, mas também deixa em aberto outras formas de interpretação. Neste artigo explorei o potencial da concepção de certos filmes

[22] STAM, R - Introdução à teoria do cinema, 2003, Campinas, SP, Papirus. p.132

como filmes absurdos, forma clássica de aliar cinema e literatura, que sempre caminharam juntas transformando a arte do cinema em uma das mais complexas capas de abarcar e de remodelar vários gêneros artísticos, Camus em seu livro *O mito de Sisifo, ensaio sobre o absurdo*, finaliza com a seguinte frase "é preciso imaginar Sísifo feliz"[23] o cinema tem o potencial de imaginar Sísifo feliz.

Pontuo aqui a importância da literatura e a filosofia em parceria e complemento da obra cinematográfica, pensamento este que foi explorado por tantos cineastas influenciados pela literatura e o teatro a outros campos ou vertentes da arte e do pensamento. No cinema há uma série de filmes que influenciados pelas ideias de Albert Camus e produzidos por grandes diretores abordaram aspectos diferentes dentro da obra do autor, mas todos abordando o seu tema principal e de maneira a trazer essa sensação, esse ciclo interminável de esforço sem sentido, exemplos como,Wild At Heart (David Lynch, 1990), Black Moon (Louis Malle, 1975), Zelig (Woody Allen, 1983), Milky Way (Luis Bunuel, 1969), cada filme de maneira especifica foi capazes de transmitir esta maldição de Sísifo, e todos eles são capazes de transmitir um puro senso de absurdo, assim como o absurdo categorizado por Camus esse artigo não se esgota em sim deixando ainda muitos campos para se desbrava tanto no cinema quanto na obra de Albert Camus.

[23] CAMUS, Albert, *O mito de Sísifo: Ensaio sobre o absurdo.* [Lisboa]: Livros do Brasil, 2016, p. 52

Bibliografia

ARAÚJO, Pedro Gabriel de Pinho – *O papel do escritor em albert camus*, Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Filosofia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013

BORDWELL, David – *Sobre a História do Estilo Cinematográfico*, Campinas SP, Editora da Unicamp, 2013.

CAMUS, Albert - *O Mito de Sísifo*, [Lisboa]: Livros do Brasil, 2016.

Mito de Sísifo in Artigos de apoio Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível na Internet: https://www.infopedia.pt/$mito-de-sisifo, 2016

MONACO, James - *How to Read a Film,* Nova York. Oxford Univerity Press, 1997

RABIGER, Michael - *Directing: Film Techniques and Aesthetics*, Burlington MA, Edição nº 4, Focal Press, 2013.

RIBEIRO, João Pedro Nabais Niza - *O Absurdo na criação da personagem cinematográfica*, 2011-2012, Dissertação (Mestrado em Som e Imagem - Cinema e Audiovisual) - Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2011,2012.

STAM, R - Intro*dução à teoria do cinema*, Campinas: Papirus, 2003,

VAN DER BOOM, Jan-Willem – *Cinema and Albert Camus: Antonioni´s films and the aesthetic of the Absurd*, 2012, MA Film thesis – University of Amsterdam, 2012.

Filmografia

FERRERI, marco - A Semente do Homem, 1969, DVD, Clap Filmes